

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

E

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga egreja do Largo do Carmo

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

N.º 4

SUMMARIO

Elogio historico do architecto civil Victor Baltard, pelo architecto J. P. N. da Silva, pag. 49. — Construção, mappa dos materiaes do districto de Leiria, pags. 56 e 57. — Um busto, o convento de Belem e o seu architecto, pelo socio Sá Vilella, pag. 58. — Archeologia, antiguidades de São Martinho de Mouros, pelo socio J. C. A. de Mello e Faro, pag. 62. — Chronica, eleição dos membros da meza d'esta Real Associação, pag. 63. — Collocar-se o nome do architecto Victor Baltard, a uma rua de Paris, pag. 63. — Concurso para um edificio municipal para Leiria, pag. 63. — Novos socios eleitos pag. 63. — Experiencia acustica, no novo theatro da Opera de Paris, pag. 64. — Antiguidades da Syria pelo archeologo Mr. Landberg, pag. 64. — Medalha de ouro, conferida ao architecto Mr. Revoil, pag. 64. — Parecer approved para a redificação da egreja de S. Miguel em Guimarães, pag. 64. — Busto de prata, descoberto em Herculano, pag. 64. — Acropole de Athenas, desobstruida, pag. 64. — Parecer da Associação dos Architectos de Paris, ácerca dos trabalhos d'esta Real Associação, pag. 64. — Legenda Internacional, pelo archeologo Mr. E. Chantre, pag. 64. — Eleição de Membro correspondente do Instituto de França, do architecto J. P. N. da Silva, pag. 64.

ELOGIO HISTORICO

DO

ARCHITECTO CIVIL

MONSIEUR VICTOR BALTARD

Membro do Instituto de França, Official da Legião de Honra e Socio Honorario da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes

LIDO NA SESSÃO SOLEMNE DE 31 DE MAIO DE 1874

Pelo presidente da mesma associação

O ARCHITECTO J. P. N. DA SILVA

SENHORES:

Um imperioso dever me obriga a erguer outra vez a minha debil voz n'esta Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes, para tributar á memoria d'um dos mais insignes architectos modernos francezes, a um antigo companheiro nos estudos da Academia das Bellas Artes de Paris e em Roma, ao meu mais intimo amigo, ao homem de raro talento e não desmentida probidade, um echo de admiração pelo seu nobre character e afamadas obras de architectura, nos monumentos com que enriqueceu o seu paiz, monumentos unicos no seu genero, e da mais arrojada composição, que causaram assombro aos homens da

sciencia, e despertaram a raivosa inveja de acintosos detractores, que sempre abundam entre os mediocres rivaes de todos os homens de dotes elevados e de genio transcendente, com que a Providencia ennobrece a humanidade, de longe a longe, para que cause a admiração dos contemporaneos, e a veneração das idades futuras. É do celebre architecto Mr. Victor Baltard, illustre membro do Instituto de França, fundador e presidente da Associação Central dos Architectos francezes em Paris, e do mais antigo dos nossos socios honorarios estrangeiros, que se finou no dia 13 de janeiro do presente anno, que vou, pois, ter a honra de fallar, esboçando a largos traços a sua laboriosa e distincta carreira artistica, na qualidade de architecto e de innovador d'um systema de construção civil.

Foi seu berço a capital de França em 1806. Era filho do distincto professor d'architectura da Academia das Bellas Artes de Paris, Mr. Pedro Baltard. Embora se dedicasse nos primeiros annos ás mathematicas e estudo da medicina, seu digno pae, notando a grande intelligencia e a extrema habilidade de seu filho para as artes do desenho, propicias para formar um artista de merito, indicou-lhe a verdadeira carreira para o engrandecimento do seu nome nas bellas artes, como se havia já illustrado a sua ascendencia. O correr dos annos confirmou as esperanças de seu respeitavel professor e honrado pae.

Frequentou, portanto, a Academia das Bellas Artes,

na classe de architectura, e obteve repetidas distincções nos diversos ramos d'estes estudos, auxiliados pelos auctorisados conselhos do celebre architecto decorador Carlos Percier. Concorrendo em 1833 ao grande premio, reservado sómente para os nacionaes, com o intuito de se aperfeiçoarem os discipulos da Academia franceza na Italia durante cinco annos, não obstante os estudos completos que se adquiriam n'aquella academia, foi preferido aos companheiros pela superioridade da composição do seu projecto, alcançando n'este concurso a primeira e a maior das distincções que um novel artista pôde obter, proporcionando-lhe a favoravel occasião de conhecer a fundo as bellezas da arte monumental; pois que por maior que seja o talento com que a natureza dote qualquer artista, se elle não examinar e estudar os primorosos monumentos da architectura da antiga Roma, e os celebres vestigios hellenicos, nunca se poderá considerar architecto consummado. Se não fosse essencial e de reconhecida vantagem esta condição para o aperfeiçoamento do curso architectonico, não despenderia a illustrada nação franceza avultada verba todos os annos com a dotação dos seus pensionistas para estes estudos, além de possuir o bello palacio e jardins da *Villa Medici*, no Monte Pincio, no qual está estabelecida a residencia d'estes pensionistas, que depois justamente são considerados distinctos artistas.

É do nosso dever declarar aqui, para honra da nação portugueza, que foi ella a primeira que em Roma teve e tem um edificio proprio para hospedar os artistas nacionaes, que eram mandados pelo governo á Italia a fim de completarem os seus estudos; mas infelizmente a casa e os rendimentos ha muito que não teem servido para essa applicação!

Durante a sua estada na Italia, Mr. Baltard executou uma serie de estudos pertencentes aos tumulos etruscos, incluindo tambem os monumentos do renascimento, os quaes estiveram expostos em Paris como trabalhos do pensionista; porém o final trabalho que lhe cumpria executar no seu ultimo anno, e o mais importante d'este periodo, não só pela difficuldade e merecimento da obra, mas tambem pela pericia da execução, foi a restauração do theatro de Pompéa.

Viajou depois por toda a Italia; mediu e desenhou com o maior esmero os monumentos da Baixa-Italia, e completou por esta fórma os seus proficuos estudos no paiz classico das artes. Antes de regressar, offerecêra á sua patria um importante projecto para um conservatorio de musica.

Voltando á França, no anno de 1839, deparou-se-lhe felizmente o ensejo de ter, n'essa occasião, um concurso de architectura para o jazigo de Napoleão I. Recommendára-se no programma que esse monumento fosse digno da gloria do gigante guerreiro. Mr. Baltard não vacillou. Animosamente tomou parte no grande concurso nacional. O resultado correspondeu a essa ousadia. Apesar da sua idade, e, principalmente, ape-

sar de não ter, para assim dizel-o, nome ao par dos demais competidores, artistas de elevado merito e conhecidos como architectos eximios, a rectidão do jury deu-lhe a palma do triumpho. O seu projecto foi preferido aos dos outros concorrentes! Era preciso que o merecimento do projecto de Mr. Baltard fosse com effeito do mais subido quilate, e que a sua superioridade sobre a dos outros projectos apresentados pelos mais insignes artistas não podesse ser contestada.

N'este primeiro e assignalado triumpho vimos já realçado o grande talento do abalisado architecto Baltard. Porém a surpresa que este extraordinario acontecimento causou no mundo official foi tal, que esteve a ponto de se annullarem as condições do programma, unicamente com o intuito de favorecer um afilhado! Não nos deve surprehender este procedimento, a nós, acostumados a ver dar a preferencia ao patronato, e a desprezar o merito, só porque o verdadeiro talento e os caracteres nobres não sabem curvar-se aos bafejos do favoritismo!

O valimento, que adquirira o architecto Visconti, aliás artista de reconhecido talento, mas que era bastante estimado do Chefe do Estado, conseguiu que este ficasse muito impressionado com os infundados receios das lisonjarias dos cortezãos, que fizeram acreditar que a execução da obra dirigida pelo moço artista não corresponderia á perfeição que era de esperar; e d'ahi resultou fazer-se mais uma grave e affrontosa injustiça, encarregando-se a outro architecto a vileza de usurpar o direito adquirido em concurso publico, unicamente para satisfazer as intempestivas exigencias de aduladores ignaros.

O projecto de Mr. Baltard foi posto de parte, dando-se ao artista como recompensa e incitamento a medalha d'ouro, que era destinada no programma para ser conferida ao auctor da melhor composição! Mas a alma generosa do grande artista sacrificado ainda antes da derradeira hora se patenteou bizarramente, preferindo em publico algumas phrases que compendiam um notavel elogio de Visconti! . . . Foi esta a sua maior e mais nobre vingança, como era proprio do homem elevado e de caracter superior ás intrigas mesquinhas e ás paixões miseraveis.

Fôra Mr. Baltard fadado para lutar constantemente contra os obstaculos que lhe promoviam os seus insofridos rivaes; mas elle era homem energico e de provada perseverança, e não se deixava abater por acerbos desgostos. Conseguiu, no entanto, ser nomeado successivamente inspector das obras da barreira do Throno, e da Escola Normal, e pouco tempo depois tambem o foi para o mercado dos vinhos, pois, por mais que fizessem, não podiam escurecer ante repetidas provas publicas que Baltard tinha rarissima habilitade na sua profissão.

Felizmente havia n'essa epocha em Paris, á frente da administração civil, o sr. de Rambuteau, prefeito do

Sena, que sabia prezar as bellas artes e julgar os artistas de merito, como repetidas vezes tem acontecido n'aquella esclarecida nação. Foi desde essa epocha que na capital de França se deu grande impulso aos afor-moseamentos artisticos.

O prefeito Rambuteau fez com que Baltard fosse nomeado inspector das bellas artes.

Em 1841 deu-se, pois, começo á grande empreza da restauração das egrejas de Paris, applicando-se o novo systema de Baltard ás decorações, em que elle substitua, com a pintura a fresco nas paredes das naves, os paineis de desiguaes tamanhos e diversa execução suspensos das columnas e nas paredes, que destruíam o effeito geral das linhas e proporções architecturaes, e alteravam o aspecto interior dos templos.

Ajudado por distinctos pintores, escolhidos dos seus companheiros nos estudos em Italia, principiou o abalizado architecto a realizar as completas e intelligentes restaurações das egrejas de S. Germano, de S. Roque, S. Merrey, etc. etc., concluindo tambem o lindo portal de Santo Estevão. Em 1847 o ministro Mr. Guizot encarregou Baltard de construir a casa para o sêllo, edificio este delineado com perfeita intelligencia e ornamentado com elegancia. Estas obras faziam attrahir cada vez mais a attenção de juizes competentes, que não tinham a cobardia de negar o merecimento a quem o possuia; pois isto não só era de sensata justiça, mas de propria conveniencia para robustecer o character da auctoridade e justificar a sua illustração.

Depois dos acontecimentos da revolução de fevereiro de 1849, foi este artista nomeado architecto e director das obras da municipalidade da capital, competindo-lhe, pois, organizar e dirigir esses esplendidos festejos dados no Hôtel de Ville de Paris, tão celebres por suas ostentosas galas, apurado gosto e engenhosas combinações. Quantos soberanos e illustres estrangeiros não ficaram surprehendidos quando viram os grandiosos e ricos aposentos do Hôtel de Ville, examinaram essa reunião de soberbos porticos, espaçosos vestibulos, magestosas escadarias, deslumbrantes salas, tudo tão bem delineado e judiciosamente disposto, que parecia não poder-se ajuntar nada mais para augmentar a admiração por tão magnifica fabrica! Todavia Mr. Baltard completou-a pela mais acertada e elegante decoração construida no pateo principal sob a sua habil direcção.

É de tão bello effeito e novidade, no conjunto de que se compõe, esta encantadora decoração, que, tornando-se mais um precioso florão para se engastar no seu brazão artistico, será igualmente bem aceita pelos nossos confrades, e por isso registámos n'esta apologia aquella obra prima devida ao talentoso finado artista.

Fez cobrir Mr. Baltard todo o pateo por uma elegantissima armação de ferro e vidros, tendo proporcionado por este modo um vasto vestibulo central a este monumental edificio, sem occultar nem prejudicar o seu agradável aspecto architectonico, pois encerrava os

dois andares na sua altura, deixando visiveis as fachadas das galerias que circumdavam este pateo.

As arcadas dos porticos conduziam directamente para esta grandiosa e improvisada sala, na extremidade da qual lançou uma linda escadaria de marmore semi-circular em lanços duplicados: sendo n'esta parte felicissimo o architecto, pois em nenhum outro palacio existente se apresenta disposição mais favoravel para dias de grandes e esplendidas recepções, que se costumam fazer n'este Hôtel, a fim de se gosar de um espectáculo animador e extraordinario.

Agua abundantes repuxam do grupo de uma linda fonte collocada entre as duas rampas curvas das escadadas, caíndo as aguas em cascata para um grande tanque que cerca toda a escadaria suspensa, e se prolonga mesmo ainda além, e sobre a superficie parece estarem nadando genios infantis. As aguas do repuxo se espargem entre flores e brilham no reflexo de centenaes de luzes que desenhm o engraçado contorno das quatro pernas da referida escada, e por aquellas que illuminam e circumdam os tanques da cascata. Podia-se, não obstante, circular facilmente nas festas sollemnes que foram dadas n'este famoso palacio, como presenciámos, concorrendo a ellas mais de 6:000 convidados.

O seu apurado gosto e a sua extrema facilidade em desenhar, deram tambem logar ao nosso illustre consocio de enriquecer o seu paiz com um primor d'arte, e foi a composição dos desenhos para se executar a rica baixella de prata dourada pertencente ao municipio de Paris, e a qual servia nos banquetes offerecidos aos soberanos que visitam aquella capital, figurando esta preciosa baixella na exposição universal de 1867; ali se proporcionou a occasião de ser admirada e encarecida por milhares de pessoas de todas as nações. Tudo o que eu podesse dizer ácerca d'este importante trabalho, ficaria áquem do seu valor, e nem se faria perfeita idéa da sua importancia artistica.

Chegámos ao periodo mais importante da carreira d'este exímio architecto, no qual não só teve de lutar contra mil obstaculos, mas deu logar a patentear todos os recursos da sua experiencia e do seu engenho.

De longa data se decidira que se reformassem os mercados de Paris, e que as novas construcções apresentassem um aspecto monumental, que estivesse em relação com a grandiosa capital da França, de maneira que se creasse um *Louvre do povo*, conforme se expressára Napoleão.

Escolheu-se para esse fim em 1851 um local central comprehendendo a área de 30:000 metros de superficie, e approvou-se o projecto conforme indicava o programma.

Erguia-se do solo um dos dez pavilhões em que se dividiria o serviço tão variado da alimentação publica da populosa cidade. Era a sua construcção feita com cantaria; as suas grossas paredes, e seu aspecto forte

e pesado, postoque monumental, não correspondiam comtudo ao caracter de um edificio d'esta natureza; foi por isso a obra analysada severamente, e inesperadamente suspensa e condemnada! O architecto não vacillou então; representou logo ao governo, acompanhando o seu relatorio de tres projectos inteiramente differentes do que se delineára no primitivo programma, nos quaes a cantaria, que tanto desagradára, era substituida, em a nova construcção, pelo ferro forjado e coado, tijolo e vidro. Desenvolvendo minuciosamente o seu plano ao imperador, este soberano, que em abono da verdade, era intelligente, recto e benevolo, notou a energica franqueza e o esclarecido espirito do architecto, que com intima convicção lhe expozera o seu ousado pensamento; e este proceder, que surprehendêra o imperador pela raridade do facto, não lhe desagradou. Convencido, pois, de que podia realizar-se a indicada construcção, o imperador approvou-a.

O famoso projecto foi executado com o mais lisongeiro exito, sendo depois admirado pelos homens competentes da Europa, e com elle adquiriu Baltard mais um titulo á consideração publica.

Essa grandiosa construcção dos mercados centraes dotou Paris de um collossal emporio, unico na Europa pelas suas gigantescas proporções e por sua extensão. O ferro, o tijolo e o vidro, empregando-se exclusivamente n'esta construcção, satisfaziam na distribuição, na abundancia da luz, na ventilação regular, a todas as condições essenciaes que se exigem em edificios d'este genero, para que offereçam commodidade e salubridade aos vendedores e aos compradores. O edificio tem facil accesso por todos os lados, sem que haja logar a pejamentos nem a confusões. O aspecto geral satisfaz completamente. As suas columnas delgadas e esbeltas agradam, pois se descobre a applicação mais vantajosa e economica do espaço, sem se arriscar a solidez do edificio; tendo-se sujeitado, todavia, o architecto a respeitar as condições do seu programma e as regras da arte; obtendo um novo monumento sem alterar o caracter de construcção leve, simples e vistosa, propria d'um mercado coberto e espaçoso; finalmente correspondendo por esta fôrma ás exigencias do serviço publico, e aos preceitos da architectura.

Esta edificação é não só notavel pelas extraordinarias dimensões e grandiosa distribuição, mas tambem pela maneira como foram executados os trabalhos, e principalmente pelo acertado emprego dos materiaes; pois não se tinha ainda sabido tirar tão conveniente e agradável partido do ferro e do vidro, o que sem duvida veio influir muito depois sobre esta maneira de construir.

O architecto Baltard, iniciador de um systema, em que revelou a superioridade do seu talento privilegiado, mereceu de todos justissimos encomios.

Apesar de tudo, a hydra da calumnia ergue de novo o collo, ao cabo de quinze annos de provas publicas,

contra aquella construcção, insinuando que estava em perigo imminente de desabar, se porventura a auctoridade não tratasse sem demora de mandar escorar as Halles centraes!... em consequencia de se ter feito grandissimo deposito de generos dentro d'ellas, quando ocorreu o cerco de Paris, em conformidade das ordens que para esse fim recebêra; o architecto Baltard combateu com a maior tenacidade tão aleivosa representação, convencido de que a edificação fôra conduzida com solidez e podia bem resistir a todas as experiencias, e até ás extraordinarias com as quaes se não contasse. O ministro por então attendeu os protestos do habil architecto, e confiou no seu saber. As Halles ficaram cheias a não poderem mais. Logo, porém, que passou a crise, apressou-se Baltard a requerer uma vistoria, que lhe foi concedida, e depois de examinar escrupulosamente toda a construcção, verificou-se que apresentava nas asnas a flexa apenas d'um só centimetro! Ficaram, pois, frustradas as malevolas intenções dos seus rivaes e calumniadores, que desacreditariam o habil artista se porventura uma auctoridade menos intelligente e parcial tivesse adoptado os seus cavilosos alvitres; mas, em vez de fazerem perder o credito do illustre architecto, prepararam-lhe pelo contrario mais uma oportunidade para tornar bem saliente o seu merito.

Desmascarou Baltard essa infame intriga, sendo mais feliz que outro seu confrade estrangeiro, que não pôde obstar a que se especasse uma obra nova construida por elle, pretextando-se imaginarios perigos, com o unico proposito de o malquistar na opinião publica, vingando-se assim de ter sido preferido em concurso; e talvez com o nefando intuito de o esbulharem do seu emprego! São mui raros, portanto, os artistas que se distinguem, que não estejam expostos a soffrerem acintosas intrigas; porém algumas vezes ellas servem para fazer sobresair mais a valia d'esses artistas, contra a expectativa e para a confusão dos seus detractores.

Mandava-me este chorado collega, a respeito do novo systema empregado por elle, em carta do mez de junho de 1864, as seguintes considerações:

«Le fer et la fonte sont d'un emploi qui tend à se «propager de plus en plus, ce qui n'est pas un mal, «lorsque cela a lieu d'une manière rationnelle. Moi-même je me construis une église ou j'ai eu l'audace «d'en faire usage. Lorsqu'elle sera finie on jugera «si j'ai eu tort ou raison.»

Respondi-lhe que sómente o architecto que construira as Halles centraes podia tentar semelhante cousa; alimentava comtudo a esperanza de que esta nova obra corresponderia ao talento e ao saber do artista.

Certamente, quem examinar com imparcialidade a nova igreja de Santo Agostinho, conforme nos mostra a photographia aqui exposta,¹ e com a qual em 1870 me

¹ Refere-se á sala da sessão solemne na Real Associação.

brindou em Paris o auctor da obra, meu prezado amigo, e para todos os artistas insigne confrade, e notar a forma irregularissima do terreno, ficando situado entre dois boulevards com declives differentes, vendo-se obrigado o architecto a apresentar em acanhado local um magestoso edificio religioso, o qual devia ser visto por cinco lados de desigual extensão, exigindo-se-lhe tambem que tivesse aspecto monumental, e offerecesse novidade na composição; nenhum homem de arte desconhecerá que eram grandes as difficuldades para executar similhante programma, e que a obra mal poderia satisfazer a tão complicadas condições. Conseguiu, todavia, Baltard vencer todas, e construir um edificio notavel pela sua monumental disposição, apresentando formas agradaveis e bem combinadas proporções, empregando pela primeira vez o ferro n'esta ordem de trabalhos.

É composta esta egreja de espaçosa nave, na qual póde assistir aos officios divinos numerosa reunião de fieis, não ficando receio algum relativamente á sua solidez. O interior do templo é de bello effeito, agradando pelas boas proporções e pela disposição desusada da decoração; mas, mui principalmente, quando se contempla o magestoso zimbório, e se admira a ousadia da sua construcção metallica!

A fachada apresenta bastante novidade; porém admira-se ainda mais o vantajoso partido que o architecto soube tirar do espaço irregular em que tinha de figurar a frente principal, e indicar o cruzeiro do templo; bem como haver-lhe collocado os dois campanarios nos extremos da nave, não sómente para aproveitar a configuração do terreno, mas igualmente para mais fazer sobresaír no alçado as extremidades dos braços da cruz, assim pelas suas formas polygonaes, como pela harmonia da configuração das cupulas com o magestoso zimbório, que, formando o centro dos differentes corpos, mostravam a ligação que existia entre elles, pois que reciprocamente contribuiam para o bom effeito geral; esta ousada obra, repito, de difficilima execução, justificou plenamente o applauso que mereceu em Paris a novidade do trabalho, e a verdadeira admiração dos entendidos.

Os que prezam os progressos das bellas artes viram reunidas n'este monumento religioso as essenciaes condições de uma alta composição architectonica: unidade no pensamento, grandeza nos corpos, singeleza na decoração, divisões delineadas segundo todos os preceitos da arte e com o primor que sabem dar ás suas obras os architectos sabedores, que não desprezam cousa alguma do que possa contribuir para o melhor realce dos seus trabalhos.

Baltard não se serviu de pontos de apoio desconformes, nem adoptou formas exquísitas, nem empregou accessorios inuteis, sem significação, para não destruir o aspecto monumental do edificio; conseguindo por este modo agradar ao espirito sem desatender aos dictames

da razão. Todos estes inconvenientes venceu o eminente architecto Baltard, produzindo uma edificação mais differente do que era costume ver-se nos templos, conquistando-lhe o merecido titulo de *innovador*.

Não era este varão unicamente distincto artista, era igualmente mui versado na litteratura antiga e moderna, pois que Baltard tivera estudos regulares no affamado collegio de Henrique IV em Paris. Nas occasiões que se lhe apresentavam ostentava esses conhecimentos sem pedantismo, já fazendo acertadas citações, já offerecendo judiciosos conceitos ácerca dos auctores classicos. Nenhum dos seus confrades lhe era superior na vasta erudição.

Desejando tambem tributar, n'esta circumstancia, á memoria de tão illustrado architecto a admiração de que era digno pelos seus conhecimentos litterarios, assim como não querendo privar os dignos socios d'esta Real Associação de avaliarem igualmente o merecimento do douto artista, peço-lhes licença para citar alguns extractos dos seus mais recentes discursos, em que sobresaem a elevação do seu espirito e a sensatez das suas considerações.

No congresso dos architectos que se reuniu pela primeira vez em Paris em 1867, ao qual tivemos a honra de assistir e tomar parte nos seus trabalhos, Baltard presidia. Em uma das sessões, tratando do ensino de architectura civil, expressou-se d'este modo, em varios periodos: — « Cette question de l'enseignement de l'art « est d'une grande influence sur son avenir. L'enseigne- « ment se fait par fois d'une manière insensible et com- « me par tradition: d'autres fois avec des intentions et « suivant une marche déterminée... »

« Par le dessin, en exerçant ses yeux à comparer, sa « main à reproduire les œuvres de l'art et de la nature « on acquiert la connaissance des formes, des propor- « tions, de l'harmonie, qui constituent œuvre d'art. « L'imagination n'a plus qu'à s'appuyer sur le jugement « et la réflexion; la pensée n'est plus esclave de la « main, l'artiste est armé de toutes pièces et peut « s'avancer avec confiance.

« Les mathématiques aujourd'hui ont leurs adeptes, « je dirais presque leurs adorateurs; mais rappelons « nous ce que disait Pascal lui-même, le grand profond « mathématicien, de ceux qui n'étaient que géomètres: « il leur reprochait de devenir fermés et insensibles pour « tout ce qui ne s'expliquait pas par définitions, par prin- « cipes et par démonstrations. Tâchons de limiter cette « tendance par trop positive de notre siècle et de lui « faire admettre enfin qu'on ne vit pas seulement d'es- « paces franchis, de poids soulevés, de force matérielle « acquise; mais que l'homme intelligent, pour vivre de « toute sa vie, a encore besoin d'être en communication « sensible avec les beautés de la nature et de l'art. Il « n'y parviendra que si, dans, sa jeunesse, ses yeux et « sa main ont été exercés devant des modèles bien choi- « sis de beaux temps de l'art; que si son attention a

«été appelée fréquemment sur les beaux spectacles de
«la nature...

«Ce n'est pas près de vous, messieurs, qu'il faut faire
«ressortir de combien de connaissances complexes et
«variées se compose l'enseignement pour qui veut de-
«venir architecte...

«Donc, loin que l'énumération des sciences exigées
«par nos anciens subisse une diminution, la somme
«des connaissances nécessaires à l'architecte se multi-
«plie de jour en jour. L'étude en est plus complexe,
«plus difficile, et elle exige beaucoup plus de temps
«que jamais...

«Chez les Grecs qui, à tous les titres, sont nos maî-
«tres; chez les artistes italiens de la Renaissance, et
«de nos jours, il y a peu de temps encore, l'enseigne-
«ment des arts se pratiquait par une sorte d'appren-
«tissage, par des leçons journalières et intimes, comme
«dans l'antiquité pour la philosophie...

«Cet enseignement du maître à l'élève a continué
«d'exister même après la suppression des corporations,
«dans les ateliers de peinture, de sculpture et d'archi-
«tecture: le bien qui en résultait était d'autant plus
«grand qu'il avait pour base la liberté d'abord, puis
«l'émulation...

«L'État qui dirige ou du moins qui préside à l'in-
«struction littéraire et scientifique, peut remplir des fon-
«ctions analogues en ce qui concerne les arts, en ce
«sens qu'il peut enseigner les éléments généraux
«d'abord et contribuer plus tard à perfectionner cet en-
«seignement par la création d'écoles dites de perfection-
«nement...

«L'école de Rome est une école supérieure de per-
«fectionnement à l'exemple de celles qui existent dans
«toutes les branches de l'enseignement public pour tou-
«tes les carrières, telles sont des écoles de perfectionne-
«ment pour ceux qui, après avoir été de bons écoliers,
«veulent devenir un jour de bons maîtres...

«Après avoir passé en revue ce qui s'est fait dans le
«passé dans l'enseignement au point de vue des beaux
«arts, puis ce qui existe aujourd'hui, nous résumons
«dans les termes suivants:

«Écoles des beaux-arts avec *cours spéciaux* et con-
«cours périodiques; protection et encouragements aux
«élèves.

«École supérieure de perfectionnement ayant Rome
«pour centre. Que l'État pourvoie et à l'enseignement
«supérieur scientifique et théorique de l'architecture.

«Qu'il protège les talents supérieurs et qu'il favo-
«rise leur développement.

«C'est par cette marche libérale, rationnelle et con-
«sécutive que se formeront des architectes sachant être
«fidèles conservateurs des traditions du passé, mais ca-
«pables de s'affranchir de la rigueur des formes dont
«la manifestation s'est produite, à diverses époques,
«alors qu'elles avaient une raison d'être qui a disparu
«aujourd'hui...

Este resumido extracto nos dá a conhecer como o
insigne architecto comprehendia a importancia dos es-
tudos necesarios na architectura civil, no estado actual
da progressiva marcha dos conhecimentos. Elle bem
sabia que o artista de certa ordem tem que adquirir
uma solida instrução para se ennobrecer a si, engran-
decendo a sua profissão e honrar a patria.

Quando a morte em 1871 lhe arrebatava mais um
confrade, quando a nossa classe perdia um dos seus
mais distinctos ornamentos, e quando a campa se fe-
chava enfim sobre os restos de Felix Duban, archi-
tecto insigne, e tambem membro do Instituto, Baltard
recitou á beira da sepultura do que fôra distincto varão
um discurso, de que registo aqui estas sentidas e hon-
rosas phrases:

«On distingue parfois, au milieu de la foule ani-
«mée des artistes, quelques nobles figures calmes et im-
«posantes, à la démarche grave et contenue, un feu
«couvert dans le regard, la foi dans l'âme, n'ayant
«qu'à se laisser connaître pour se concilier aussitôt la
«sympathie, le respect et la confiance; prodiguant, lors
«qu'elles se livrent, des trésors de sensibilité de haute
«raison. Riches d'idées vives et nouvelles, si elles en
«retracent l'expression, c'est pour commander l'atten-
«tion d'abord, bientôt l'admiration...

«Tel fut Felix Duban, telles ses œuvres. Ce ne sont
«pas seulement les artistes, ses confrères, ses émules,
«ses élèves, ses amis qui en portent témoignage. On
«en peut appeler aussi à tous ceux dont l'émotion de-
«vant ses ouvrages accuse la *mens divina* qui les a fait
«éclore et dont ils conservent l'empreinte...

«Que de labeurs! que de belles manifestations d'une
«belle intelligence! Aussi les honneurs venaient-ils pour
«ainsi dire trouver l'homme studieux et réservé sans
«qu'il les recherchât. L'Institut, les Académies, les or-
«dres français et étrangers, les missions de confiance
«étaient comme naturellement son partage.

«Honneur donc à toi, cher et grand artiste! tu as
«été la gloire de notre art...

«Ta vie a été trop belle pour qu'elle soit finie avec
«ton passage sur la terre. Ta célébrité ira toujours
«grandissant.... La justice en ce monde est parfois
«tardive, rarement complète: ceux qui devraient être
«les premiers à la rendre, sont souvent les derniers:
«mais elle est assurée à l'auteur d'œuvres telles que
«les tiennes. Ton souvenir y restera vivant et honoré.
«Ta carrière si laborieuse, marquée par tant de beaux
«travaux, ton caractère si noble, si élevé, seront des ty-
«pes offerts à l'émulation de chacun...

Com que profundo entusiasmo tributava elle a jus-
ta veneração á memoria do talentoso collega, do qual
se lastimava a perda! Com que sincero sentimento ex-
pressava o culto com que se devem admirar e respeitar
os eximios professores da nossa nobre arte! Mas, tam-
bem com que dolorosa verdade patenteava o indiffe-
rentismo reprehensivel da posteridade em reconhecer

o merecimento, quando era de justiça e rasão reconhecer-se durante a existencia do artista! ainda por cima ser tardio n'essa manifestação depois do seu passamento!...

Permittam-me, senhores, que eu leia parte do seu derradeiro discurso recitado no Instituto de França no mez de novembro ultimo, para avaliarmos ainda melhor a nobreza de suas idéas e a facilidade do seu estylo. Informava-me este querido amigo, no indicado mez, e mal pensava eu que fosse a ultima missiva que receberia de tão chorado collega! informava-me, repito, da rasão de tomar para thema do seu discurso n'aquelle acto qual tinha sido o proficuo ensino adquirido na escola do insigne architecto Carlos Percier, notando que todos os seus discipulos tinham sido affamados architectos; e em logar de traçar o elogio d'um só artista, que mais se distinguisse, como era o uso seguido no Instituto, julgou mais conveniente demonstrar qual era a influencia do ensino d'aquella escola, resultando d'ahi a formação de muitos architectos de extraordinario merecimento:

«S'il est généralement admis que les œuvres de l'art «subissent l'influence des milieux où elles se produisent, on doit reconnaître en même temps que l'élément «essentiel de ces milieux se trouve dans le concours «de plusieurs forces et volontés actives, constituant un «corps de doctrines et représentant une école...

«Mais il survient des moments où la chaîne des transmissions et des transformations régulières, en harmonie avec le sentiment de l'art et en accord avec la «raison, se trouve brisée. Cet événement s'est produit «deux fois, d'une manière saisissante, dans l'histoire «des beaux-arts, et particulièrement de l'architecture, «à la fin du XV, puis du XVIII siècle...

«On sait, en remontant aux anciennes époques, comment cet art perdit ses grâces et ses beautés grecques, «pour se montrer somptueux et puissant au service des «Romains du Haut-Empire; comment, au Bas-Empire, «l'architecture romaine devient l'architecture latine, «byzantine, et romane; comment, vers le XII siècle, le «plein cintre fut remplacé par l'ogive, à laquelle se rattache tout un art, plein de hardiesse, de science et «d'invention, l'art du XIII siècle...

«Cependant l'excès amène nécessairement la réaction. «Le retour aux formes de l'antique, ce fut la première «réforme, et de là date l'éclosion de l'art charmant «de la Renaissance, art ingénieux et abondant, capricieux et bien ordonné, inspiré bien plutôt que copié «de l'antique, ne daignant pas enfin d'emprunter au «style qu'il remplaçait quelques-unes de ses formes caractéristiques... De nouveau, l'on songeait à l'art «antique; une nouvelle Renaissance se préparait. La «première était issue de Rome et de l'Italie, la seconde «cherchait son berceau à Athènes et dans les régions «helléniques... Partout on voyait apparaître les pré-curseurs de la révolution qui allait s'opérer dans

«l'art, comme elle se faisait dans les idées et dans les «faits, durant les vingt dernières années du XVIII siècle: «deux hommes surgirent: Louis David et Charles Percier, l'un peintre, l'autre architecte... Guidés par de «tels maîtres, les élèves de David, comme ceux de «Percier, devaient produire aussi plus d'un maître... «Percier avait l'esprit très-libéral, et à mesure qu'un «élève avançait dans ces études, il lui laissait plus large «la faculté de rompre les lisières avec indépendance, «et d'élever son vol plus hardiment... Aussi de son «école sortirent des artistes doués de talents variés, «mais se ressemblant en deux points essentiels; l'habileté dans l'art du dessin, l'amour et le respect de «l'antiquité... etc.»

Este bêm elaborado discurso nos patenteia mais uma vez o profundo criterio de Baltard, a elevação do seu espirito, a consideração que lhe mereciam os seus dignos confrades, e principalmente a reconhecida veneração pelo saber do seu antigo professor Percier, e o grande interesse que tomava pelo aperfeiçoamento dos estudos da sua arte.

Possuindo, pois, Baltard tão elevados dotes e superiores qualidades, não podia deixar de ser bastante sentido o seu passamento no mundo artistico, tanto pelos seus collegas e compatriotas, como pelos seus confrades estrangeiros e amigos leaes; pois não era, senhores, sómente um architecto insigne que deixava de existir, era tambem um exímio professor e um habil constructor que desaparecia da terra, e cuja substituição não era facil encontrar-se; pois a natureza, como que querendo exaltar os talentos transcendentales, não é prodiga em os produzir, e maior deve ser portanto a nossa mágua, maior a nossa veneração pela memoria de Baltard.

Se, durante a sua laboriosa existencia, padeceu repetidos dissabores, fundados sempre em malevolas intrigas, as diversas obras publicas do seu paiz, de que foi encarregado, as associações scientificas da Europa a que pertenceu, a munificencia dos soberanos dos paizes mais illustrados do mundo que o honraram, deram-lhe sobejos testemunhos do apreço em que tinham o seu admiravel talento e saber. Finalmente para em tudo ser superior, até da excessiva modestia nos legou um exemplo, de que os grandes artistas não ambicionam vãs lisonjas, unicamente anhelam concorrer para o progresso da sua profissão e credito da sua classe, deixando nas suas obras e trabalhos o testemunho irrefragavel da sua aptidão, pois que expressamente prohibiu que se recitassem discursos á beira da sua sepultura, como é geral costume nos paizes mais civilizados render essa ultima homenagem aos homens de assignalado merito, e essa vontade foi religiosamente cumprida.

Mas a posteridade não ignorará que para artista de tal ordem basta unicamente recordar-se o seu e illustre nome, para se fazer respeitar a sua memoria, e tributar-se veneração ao seu talento e saber. Disse.

DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS DO DISTRICTO DE LEIRIA

Amostras de materiaes de construcção remettidas á Associação dos Architectos civis portuguezes

Caixas em que são contidas	Numero correspondente a cada peça.	Logares da extracção	DISTANCIAS		Quantidade de carretos que podem fazer	Preço de cada carreto	Carga d'um carro de bois	Designação dos materiaes	Observações
			A Capital do Districto.	As Estradas Reaes.					
A	1	Opcia	10, Kil.	4, Kil.	1,	600	0,333	Marmore.	
	2	Lapa	2, »	—	4,	200	0,333	Lios.	
	3	Fraga	14, »	14, »	1,	600	0,333	Lios.	
	4	Picotas	13, »	13, »	1,	600	0,333	Argila.	
	5	Lapa.....	12, »	12, »	1,	600	0,333	Argila.	
	6	S. Miguel.....	1, »	1, »	6,	120	0,333	Calcario.	
	7	Pombal.....	27, »	2, »	0,5	1\$200	0,333	Idem.	
	8	Almoinhas	2, »	2, »	4,	200	0,333	Idem.	
	9	Serra das Sezaredas.....	70, »	9, »	0,2	3\$200	0,333	Idem.	
B	10	Idem	70, »	9, »	0,2	3\$200	0,333	Idem.	
	11	Pombal.....	28, »	3, »	0,5	1\$200	0,333	Idem.	
C	12	Idem	28, »	3, »	0,5	1\$200	0,333	Idem.	
	1	Pinhal Real de Leiria.....	14, »	2, »	1,	850	750 kilgr.	Madeira de serne	Altura 25, ^m diametro 0,66 ^{mm}
D	2	Idem	14, »	2, »	1,	850	750 »	Dita de todo opau	Altura 22, ^m diametro 0,44 ^{mm}
	3	Carvalhos	22,5 »	5,5 »	0,5	800	0,40	Cantaria branca.	
E	4	Reguengo.....	18, »	6, »	0,5	800	0,322	Idem.	
	5	Lombas	20, »	5,5 »	0,5	1\$000	0,322	Marmore.	
F	6	Alqueidão da Serra.....	15, »	15, »	0,5	800	0,322	Idem.	
	7	Proximo á Batalha.....	10, »	2, »	1,	600	881 kilgr.	Ocre.	
G	8	Juncal	20, »	3, »	0,5	800	881 »	Rocho Rei.	
	9	Pernelhas	6, »	3, »	1,	300	0,75	Cal.	
H	10	Proximo da Batalha.....	13, »	1, »	1,	600	0,5	Areia.	
	11	Idem	13, »	1, »	1,	600	0,5	Saibro.	
I	12	Proximo d'Azoia	6, »	0,5 »	1,	300	881 kilgr.	Gesso.	
	13	Fornos da Telha.....	19, »	—	0,5	800	500 telhas	Telha.	Milheiro 1\$500 réis
J	14	Idem	19, »	—	0,5	800	400 tijolos	Tijolo.	Dito 1\$240 »
	—	Calçada do Bravo	2, »	—	6,	120	0,75	Saibro.	
K	—	Boa Vista	6, »	1, »	1,	800	0,75	Cal.	
	1	Marinha Grande	12, »	—	1,	700	350 tijolos	Tijolo.	Milheiro 3\$000 réis
L	2	Idem	12, »	—	1,	700	200 »	Idem.	Dito 6\$000 »
	3	Idem	12, »	—	1,	700	400 »	Idem.	Dito 3\$000 »
M	4	Calumbeira prox.º d'Obidos..	68, »	5, »	0,25	600	350 »	Idem.	Dito 3\$000 »
	5	Gaiciras proximo das Caldas..	60, »	1, »	0,25	600	350 »	Idem.	Dito 3\$000 »
N	6	Columbeira prox.º d'Obidos..	68, »	5, »	0,25	600	400 telhas	Telha.	Dito 3\$600 »
	7	Gaiciras proximo ás Caldas..	60, »	1, »	0,25	600	400 »	Idem.	Dito 3\$600 »
O	8	Chã da Lorangeira.....	12, »	12, »	1,	700	400 »	Idem.	Dito 4\$000 »

O ferro e chumbo que se vende no Districto vem do estrangeiro.
Cada kilogramma de ferro sueco de 0,019 até 0,03 de lado é a 100 réis e de 0,03 até 0,126 é a 90 réis o kilogramma.
Vergalhão de 0,010 é a 100 réis o kilogramma e de 0,010 até 0,045 a 90 réis o kilogramma.
Ferro Escocio de 0,003 a 160 réis o kilogramma, de 0,007 a 110 réis o kilogramma, de 0,013 a 100 réis o kilogramma, de 0,017 a 80 réis o kilogramma, de 0,02 a 75 réis o kilogramma, e de 0,02 até 0,045 a 70 réis o kilogramma.
Ferro em barra Escocio de 0,019 a 90 réis o kilogramma, de 0,019 a 0,126 a 70 réis o kilogramma.
O chumbo em barra vende-se a 120 réis o kilogramma.
Direcção das Obras Publicas do Districto de Leiria 25 de março de 1866.

O Director
Joaquim Miguel Pereira Mourão.

CONSTRUÇÃO

No numero 2.º da 1.ª serie da publicação do *Archivo de architectura civil*, jornal d'esta Real Associação, publicado em 8 de outubro de 1865, demos um mappa demonstrativo dos differentes materiaes de construção, pertencente ao districto do Porto; e no n.º 8 da referida publicação appareceu outro mappa com referencia ao districto de Bragança.

N'este n.º 4.º do *Boletim architectonico e de archeologia* publica-se o terceiro mappa dos materiaes de construção do districto de Leiria.

Repetiremos hoje o que dissemos então no artigo do segundo numero: «Julgâmos, pois, ser conveniente apresentar aos nossos leitores um mappa demonstrativo dos materiaes de construção que existem em Portugal, o que muito facilitará a boa escolha e emprego nos differentes trabalhos que se emprehenderem; assim como poderá influir no maior desenvolvimento d'este ramo de commercio, sendo procuradas as suas diversas qualidades para as construções. Ao mesmo tempo estes mappas, que continuaremos a publicar, serão de grande auxilio para os architectos, poupando-lhes investigações difficeis de se obterem, offerecendo-lhes dados positivos para escolherem aquelles materiaes que melhor convier para as obras que tiverem de executar, e poderem igualmente com toda a exactidão calcular os orçamentos d'aquelles que forem applicados nas suas construções.»

Persuadidos, pois, d'esta utilidade, daremos publicidade aos mappas de outros districtos, que os srs. engenheiros encarregados da direcção das obras publicas no reino nos fizeram o obsequio de remetter na conformidade das ordens que do respectivo ministerio tenham recebido, a fim de satisfazer ao empenho d'esta associação, e que o governo de Sua Magestade auctorisou com toda a benevolencia.

O architecto — J. DA SILVA.

UM BUSTO

O convento de Belem e o seu architecto

CONSIDERAÇÕES

Julga-se geralmente, que Portugal tem sido terreno agreste para as Bellas-artes, onde estas não germinam, nem fructificam: julgamento, que procedeu, talvez, de certas phrases equivocas, ampliadas por outras de mais moderna data, nacionaes e extranhas, que se repetem sem exame; e afinal, de exaggeração em exaggeração, quasi que se chega a acreditar, que somos barbaros, estacionados no occidente da Europa.

Se nos dessemos, porém, ao trabalho, obscuro e inglorio, pouco consentaneo ao nosso temperamento, e a este tempo que corre, em que só nos luzem os pirilampus... de bem indagarmos e esmerilharmos as nossas coisas, quer-me parecer, que acharíamos não ter sido tão safaro, como se diz, o terreno portuguez no cultivo das lettras e das artes. Desde o principio da nossa existencia politica, poderíamos descobrir documentos d'este meu parecer.

Não nos têm auxiliado nunca as circumstancias, nem nos excita, é verdade, o genio; mas creio que jamais nos desamparou a illustração. Na relação de menos de dois para cem, em que a politica nos collocou para o resto da Europa, no seculo XII, não vejo, que os progressos litterarios e os artisticos dos outros povos, tenham excedido até hoje os nossos além d'esta mesma proporção: pelo contrario, n'alguns pontos, fomos nós, que muito nos sobrelevámos!¹

Não trato agora, nem viria para aqui o tratar, de desenvolver o que penso a tal respeito; mas tendo de escrever algumas linhas, em referencia a uma arte, permitta-se-me que, sobre esta — a architectura, deixe aqui assentado, que ao menos ella foi conhecida, cultivada, e estimada, entre nós, desde o tempo do nosso primeiro rei. E se a architectura é, como quer o sr. Pelletan, a base e a moldura das demais artes, ás quaes attrahe e acolhe; nem póde ser arte, na opinião de Quatremère de Quincy, senão entre os povos, que tenham attingido certo grau de cultura, opulencia e luxo; podêmo-nos desvanecer de que a architectura, tenha tido entre nós monumentos muito notaveis, em templos, sepulturas, e outras obras, desde a existencia da nossa monarchia. Quasi que não ha soberano, ou principe, até D. Manuel, que não legasse algum, ou alguns de taes monumentos á posteridade.

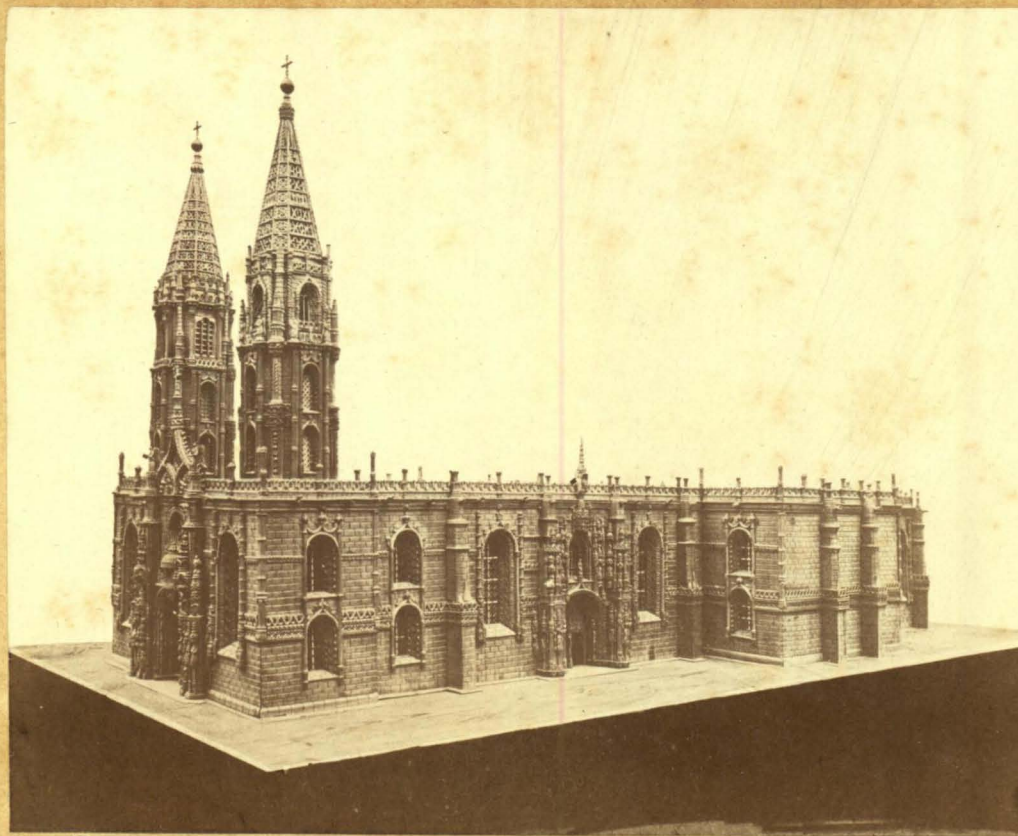
E as obras executadas, durando o reinado d'aquelle monarchia, que chegaram a contrahir feição caracteristica, que as distingue de todas as outras do estylo ogival, em qualquer dos seus tres periodos, são numerosas, e em grande parte existentes. Citarei por exemplo, e não como catalogo, as construções do mosteiro de

¹ Tem sido sestro tambem, deprimir a grandeza de Lisboa, da epocha anterior ao terramoto de 1755. Exagerou-se a reconstrução d'esta cidade, e a regularidade das ruas da baixa, a ponto de suppor-se que antes d'esse pantano, ao qual diariamente tem ido roubando o sol e a circulação do ar, Lisboa era uma cidade somenos, sem edificios grandiosos e sem magestade. Mas não é assim. Pelo que está escripto, pelas antigas plantas da cidade, e pelos desenhos que nos restam de algumas partes d'esta; são para admirar construções muito superiores ás que os nossos governos modernos, e os nossos argentarios ladeados de insignes mestres de obras, tem executado e vão executando, com mui raras excepções.

«Une vieille légende allemande raconte, qu'un chevalier ayant voulu voir à Jerusalem, la plus belle cité de l'Europe dans un miroir magique, aussitôt Lisbonne la Grande, comme on disait alors, vint se peindre à ses yeux éblouis.» (F. Denis.)

Estou, que um album das antigas edificações de Lisboa, e muitas do paiz, organizado sobre as memorias, vestigios e plantas, que ainda d'ellas se poderiam colleccionar; seria empresa digna e patriotica, que tiraria a nevoa da ignorancia a muitos olhos, e confirmaria o que digo acima.

Da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos
Portuguezes.



REPR.^{da} DE H. NUNES

ESTAMPA 8.ª

Vista do modelo para a restauração da Igreja dos Jeronimos em Belem
delineado pelo architecto J.P.N. da Silva em 1867.

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES



BOTACA

ARCHITECTO DO MOSTEIRO DOS JERONYMOS

DE

BELEM

S. Jeronymo, e torre, de Belem; as egrejas da Annunciada, Conceição e Santo Antonio de Lisboa, e da Pena, em Cintra; as de Caminha, S. Bento do Porto; Villa-Nova de Fozcôa, Freixo-d'Espada-à-Cinta, S. João Baptista de Thomar, Jesus de Setubal, Santa Clara d'Estremoz, Sé d'Elvas, Santo Antonio de Serpa, e Santa Clara de Tavira; as edificações das misericórdias de Lisboa, Monte-Mór, e Beja; a continuação das obras de Santa Cruz de Coimbra, Batalha, Alcobaça, e Thomar; as pontes do Mondego e Guadiana; as muralhas d'Oliveira, e castello d'Almeida: e no ultramar, a Sé do Funchal, e as obras em Moçambique, e pela costa do golpho persico: sem fallar nos innumeraveis pelourinhos, e outras construcções particulares.¹

E todas essas obras estão provando, sem contestação, a actividade architectonica, e o typo das construcções d'essa epocha memoravel, em que o *fundar* parecia ser a nossa divisa, pelo velho e novo mundo.²

É pena e outra coisa... cujo nome não desejo escrever, que esse typo architectural a que me referi, e ao qual se tem assentado, e muito bem, em chamar *manuelino*, não tenha sido até agora conveniente e devidamente estudado; nem, por consequencia, bem comprehendido e explicado.

Sabe-se que o terceiro periodo da architectura ogival, a que deveriam pertencer as edificações do tempo de D. Manuel, distingue-se dos antecedentes periodos, principalmente pela ornamentação; e é conhecido pela denominação de florido. Pois é também, principalmente na ornamentação, e na sua infinita variedade, que se caracteriza o estylo manuelino. Sem que isto queira dizer, que não tenha elle também importantes modificações, propriamente architectonicas, da fórma então geralmente usada nas construcções a que chamavam gothicas, não se comprehende bem porquê, mas a que hoje mais convenientemente se chama architectura christã.

Essas modificações observam-se especialmente nas voltas dos arcos, nos pontos d'apoio das abobadas, e nas ombreiras das portas e janellas; na interrupção da monotonia das linhas verticaes, e nas bases das columnas; na preferencia da fórma oitavada, em quasi toda a parte em que sem inconveniencia pôde ser adaptada, etc. Mas, além de tudo isto, e sobre tudo isto, no quer que seja de symbolico e hieroglyphico, em referencia á epocha, e ao proposito da edificação, dissiminado por toda a decoração d'ella.

O mosteiro de Belem é, na parte construida em

¹ Damião de Goes, eleva a sessenta e duas o numero d'estas obras, e não menciona todas. A predilecção de D. Manuel por obras publicas, tornou-se tão notavel, que para alguns foi motivo de censura. O bispo H. Osorio, diz, que os aduladores do principe, depois rei, D. João III, lhe apresentavam seu pae, como um homem, *que mais cuidava d'edificações, do que da dignidade real!* O que seria para taes aulicos a dignidade real? Seria o estabelecimento da inquisição, e a admissão dos jesuitas?

² E não se tratava só de fundar, mas também de conservar. Veja-se o notavel documento do corregedor Antonio Corrêa, publicado no n.º 91 do *Panorama* de 1843.

tempo de D. Manuel, o mais completo e bello exemplar d'este typo d'architectura; e é também: «o ultimo hymno a Deus estampado na pedra, pela poesia religiosa da idade-media. A architectura christã veio alli dar o derradeiro suspiro, na sua ultima batalha contra o renascimento que invadia tudo: alli foi afinal vencida.» A estas palavras d'um dos nossos mais vigorosos talentos contemporaneos, accrescentarei apenas um triste *é verdade!* Porque a perola da architectura manuelina foi, e tem sido miseravelmente desfigurada com excrescencias e descalabros da renascença, e maculada d'extravagancias, talvez devidas á hesitação entre as duas fórmas architectonicas, que trouxe perplexos os artistas continuadores da edificação.

A capella-mór da igreja foi refeita em estylo da renascença, destoando inteiramente do primitivo desenho. Em lugar do primeiro coro, construiu-se outro de entablamento classico, sobre arcos de ponto agudo. A fachada da entrada principal foi estragada, destruindo-se-lhe a ornamentação, e o remate do portal, para abrir por sobre este comunicação com o convento. As duas torres não chegaram a levantar-se, tendo só ficado indicadas, e uma d'ellas começada a construir. Sem fallar ainda nas innumeraveis partes do edificio, que ou não se chegaram a fazer, ou ficaram por concluir, ou foram incongruentemente recompostas, ou se tem deixado estragar.

E por infelicidade, o remedio de tudo isto, cuja esperanza chegou a alvorecer-nos, desvaneceu-se... se não é que poderá accrescentar ainda os dislates!

Para os verdadeiros artistas, e para todos os que amam as artes, a assolação, os estragos, e a deformidade dos monumentos, são-lhes tão repugnantes, como os escandalos contra os bons costumes, repugnam aos homens bem morigerados. Prevenir, obviar, remediar estes attentados de lesa-arte, é a coisa mais grata para o sentimento artistico. Assim como o coração se confrange, e se dóe, sabendo padecer e finir-se o amigo; magoa-se também, e quebra-se o espirito do artista, vendo devastado, ou desfigurado o monumento! Ambos estes sentimentos são naturaes e respeitaveis, porque ambos são filhos do amor.

O sr. architecto Silva, cuja desinteressada iniciativa em tanta coisa, honrosa para o paiz, é digna dos mais sinceros elogios; e cujo zêlo pela sua arte o tem feito notavel entre os architectos portuguezes; possuido de sentimentos de pesar pelo triste estado em que via o monumento de que fallo, e de desejos de *restaurar-o*, como a sua boa vontade apenas lh'o permittia; empreendeu ha annos, com trabalhoso e illustrado estudo, um modelo de madeira da igreja; tentando imitar o que se convenceu que teria sido o desenho do seu architecto, se fosse este, que a concluísse.¹

Esse modelo, remettido á exposição universal de

¹ Veja-se no jornal *A Illustração*, n.º 2, maio de 1845, o que a este respeito escreveu o sr. A. Herculano.

Paris, em 1867, é o que nos representa a nossa estampa n.º 7. Alli se vê restaurada com mui sensato bom-gosto a entrada principal do templo; e se admiram as duas torres, primorosamente elegantes, como protesto muito anticipado contra qualquer futura reconstrução menos conveniente.¹

Necessariamente tinha de dizer-se alguma coisa sobre este edificio, havendo de fallar-se do seu architecto: e preferiu-se apresentar a estampa do desenho que elle porventura delineára, a qualquer outra, representando o templo como o seu architecto decerto regeitaria. Mas o fim especial d'este artigo, é simplesmente apresentar á apreciação publica, o busto que se conjectura ser o do celebre Botaca, já hoje, sem contestação, reconhecido como famoso architecto do mosteiro dos Jeronymos de Belem.

Este busto, representado na nossa estampa n.º 8, é copia d'um medalhão, unico, encontrado atraz dos degrãos de pedra d'um dos pulpitos modernamente levantados, junto aos formosos pilares do cruzeiro da egreja. É curiosa a origem da descoberta d'este medalhão.

As indagações do sr. architecto Silva a respeito d'este monumento suggeriram-lhe, em 1848, a idéa d'uma publicação de desenhos, que tornasse universalmente conhecido este bello specimen da *architectura nacional*, denominada manuelina; á similhança da bem conhecida obra de Murphy, sobre o convento da Batalha. Seria para admirar, que uma obra monumental d'esta natureza tivesse sido auxiliada, e podesse realisar-se entre nós; não espanta porém, que taes fossem os obstaculos, e os attritos, que ficasse apenas em projecto.

Contrariado na sua patriotica idéa, o desanimo tomou o artista, e abandonou-a. Mas jamais perdeu do sentido duas circumstancias d'ella: procurar as plantas da construcção primitiva, que alguns monges do mosteiro lhe asseveraram, em 1828, deverem existir no Escorial, para onde Philippe II as mandára; e descobrir o busto do architecto, que tinha rasões para desconfiar, que existia n'alguuma parte do templo.

Se foi infeliz nas buscas que, annos depois, fez na bibliotheca do Escorial, para achar aquellas plantas; não o foi, com o tempo, na descoberta do referido busto. Em 1863, sendo parocho da freguezia de Santa-Maria de Belem, erecta na egreja do convento dos Jeronymos, o reverendo padre Philippe, ecclesiastico illustrado, e cheio de patriotismo, alcançou o sr. Silva descobrir um medalhão, no lugar que acima referimos, com o busto, que desde logo acreditou ser o de Bota-

ca: e conseguiu, que fosse cortado, ao menos, parte do degrão do pulpito, que encobria o medalhão, deixando assim descoberto, e exposto, ainda que mal, á admiração de nacionaes e estrangeiros, a imagem do apreciado artista de tão magestosa fabrica.

Tiraram-se então muitos moldes em gesso d'este medalhão, com os quaes foram presenteadas algumas associações artisticas estrangeiras; e um d'elles, do qual foi copiada a nossa estampa, se guarda na sala das sessões da nossa associação, apar d'outro do busto de Aphonso Domingues, o celebre architecto da Batalha.

Alguma coisa se tem já escripto, e por bons escriptores, a respeito de Botaca e da sua nacionalidade. Entre todos, os srs. Varnhagen, e Raczynski, (1843 a 1847), parece-me haverem indagado, e dito quanto a tal respeito podia indagar-se, e dizer-se. Não emprenderei pois, agora, novos trabalhos sobre este assumpto; mas julguei a proposito registrar aqui, quanto se póde colhêr do estudo já feito, como a minha pequena agudeza m'o permittirá registrar.

Encontro tres pontos, para esclarecer: 1.º Quem foi Botaca. 2.º Se Botaca foi o architecto do convento de Belem. 3.º Se o busto, cuja copia hoje apresenta o nosso jornal, é effectivamente o de Botaca.

Enquanto ao primeiro ponto, creio podêr dizer, apoiado principalmente nas indagações do sr. visconde de Juromenha, que me parece ser quem mais o esclareceu, que Botaca (ou Boytaca, porque assim apparece escripto pelo proprio, em documentos existentes na Torre-do-Tombo), foi portuguez, natural, provavelmente, do lugar de Boytaca, perto da Batalha.¹

A visinhança d'este monumento, sempre diante dos olhos do artista, e a sua natural inclinação, o levariam ao estudo da architectura; que elle completava na Italia quando de volta, ou chamado por D. João II para os trabalhos da sua arte em Portugal, foi por este soberano encarregado, em 1492, da edificação do convento de Jesus em Setubal.²

Costume foi este sempre entre nós, e desde os primeiros annos da monarchia, de irem estudar fóra da patria muitos varões distinctos em artes e sciencias, alguns a expensas do Estado; e não poucos d'elles deixaram bom nome entre os extranhos, e até por lá se ficaram doutrinando.

¹ A circumstancia de existir um logarejo com o nome de Boytaca, não a julgo bastante para dar como provada a nacionalidade portugueza do artista. Tanto podia este tomar o patronimico do lugar, como poderia um logarejo habitado pelo artista, ou por elle estabelecido, ou adquirido, ficar sendo conhecido pelo nome do seu proprietario. D'uma e outra coisa ha exemplos. Mas Raczynski contesta o italianismo do nome *Boytaca*; e acha-o, com boas rasões, mui conforme ao nosso idioma (*Dictionnaire Historico-artistique du Portugal*). O que porém, na minha opinião, tira todas as duvidas sobre a nacionalidade portugueza de Botaca, é haver este artista militado em Africa, como adiante se verá.

² A grande epocha do movimento architectonico entre nós, começada por D. João I, teve maior desenvolvimento por impulso de D. João II, e da rainha D. Leonor; até chegar ao seu apogêo em tempo de D. Manuel.

¹ Fui informado de que este modelo, está conservado na galeria dos modelos d'architectura da Academia das Bellas-artes de Paris; sendo este o primeiro modelo de um particular, e estrangeiro, que o governo francez permittiu, que figurasse entre os modelos que se guardam n'aquella galeria, mandados executar por determinação do mesmo governo. O que sendo grande distincção para o artista, é prova tambem da estimação de que é digno o edificio representado, mormente acabado por tal fórma.

Mas antes d'ir á Italia, Botaca militou n'Africa, onde parece que, por aquelles tempos, era uso irem prestar o seu preito ao patriotismo, todos os bons engenhos portuguezes. Alli, por seus feitos d'armas contra os moiros, foi armado cavalleiro pelo conde de Borba, governador d'Arzilla.¹

Em 1498, dois annos antes de começarem as obras de Belem, já havia merecido que el-rei D. Manuel lhe concedesse uma pensão, pelos trabalhos da sua arte de *mestre das obras de pedra*.

A construcção do mosteiro de Belem começou em 1500; e em 1509 foi Botaca nomeado fidalgo-cavalleiro da Casa-real. Em 1515 foi-lhe augmentada a pensão, ou concedida nova pensão mais importante que a de 1498.

Em 1514, passou Botaca novamente á Africa; mas d'esta vez como architecto, para medições e projectos d'algumas obras que por aquellas partes (Arzilla, Alcaccer, Tanger e Ceuta), lhe foram encarregadas.

De 1509 a 1519, esteve Botaca como inspector, ou mestre, dos trabalhos, que se executavam na Batalha; onde talvez succedeu a mestre Matheus Fernandes, que falleceu em abril de 1515.

Poucos annos sobreviveu Botaca a el-rei D. Manuel: expirando com elles a *architectura nacional*, como mais tarde, expirava com D. Sebastião e Camões, o genio da litteratura portugueza.

Botaca deixou um filho, que foi criado do infante D. Luiz, filho de D. Manuel.

E é tudo, quanto até hoje, se pôde dizer de Botaca.

Mas seria este artista o architecto do mosteiro dos Jeronymos de Belem? Se não temos documento, que o prove; tambem documento não temos, que dê a outrem essa honra. Nem de nenhum outro architecto por esse tempo se sabe, a quem ella possa ser attribuida. Juan Tolosa, gallego, estava mui longe, em Caminha, occupado com a construcção da egreja de Santa Maria dos Anjos. Ayres de Quintal mestre das obras de Thomar, e mestre Matheus architecto da capella imperfeita da Batalha: ambos permaneciam junto ás suas obras, e o seu estylo é differente do estylo architectural do mos-

¹ Esta circumstancia, creio que nos dá muita luz sobre a vida de Botaca. O conde de Borba foi nomeado governador d'Arzilla, depois da conquista d'aquella praça, em 1471, por D. Affonso V e serviu alli, até que reinando D. João II, teve de *vir ao reino, emprazado por capitulos, que d'elle deram a el-rei*; e cá se conservou até aos primeiros annos do reinado de D. Manuel. Botaca, provavelmente, não teria menos de vinte annos, quando foi para Africa, e para lá se distinguir a ponto de merecer aquella distincção, é provavel que alli militasse por alguns annos. Mas em 1492, já estava em Portugal de volta d'Italia, onde tambem necessariamente se demoraria alguns annos. Suppondo-o fallecido com cerca de sessenta e cinco annos d'idade como o busto o representa, e entre 1523 a 1528, poderemos conjecturar que nasceu pelos annos de 1460; que militára em Africa pelos annos de 1480 a 1485; que estudára em Italia, pelos annos de 1486 a 1492; e que trabalhára pela sua arte em Portugal, por espaço de trinta annos; tempo sufficiente para iniciar, ou desinvolver eschola, attendendo aos *muitos* trabalhos de que foi encarregado; como pelo typo d'elles, e pelos documentos que existem, se comprova.

teiro dos Jeronymos. João de Castilho, que já em 1522 era chamado mestre das obras de Belem, e que provavelmente alli succedeu a Botaca, como na Batalha succedeu ao mesmo Botaca, que suspeito, que alli substituíra Matheus Fernandes; tinha apenas dez annos d'idade quando as obras começaram: o que é de mais, para invalidar a opinião dos que o suppozeram auctor de tão magnifica fábrika.

As circumstancias que referi, d'esse pouco que se sabe da vida de Botaca; a consideração em que já era tido como artista; as mercês de que gosava; a sua idade de mais de quarenta annos: são ainda fundamentos plausiveis, para se poder acreditar, que a elle foi commettido o desenho, e a execução d'esse grandioso poema de pedra, piedoso monumento levantado por D. Manuel á memoria do infante D. Henrique, e ao descobrimento da carreira maritima do Oriente. E direi tambem (seja-me permittido arriscar este juizo), que a Botaca pôde ser attribuido o bom gôsto característico da architectura de transição, a que chamámos manuelina; e que por esse modo, chegou a iniciar uma eschola d'architectura nacional, que por honra nossa não deveríamos jamais esquecer.¹

Será porém de Botaca, o busto que representa a nossa estampa? As conjecturas parecem proval-o. João de Castilho, pelos annos de 1517 tomou a impreitada mais importante das obras de Belem, talvez ainda sob a direcção de Botaca, cuja permanencia alli lhe não seria possivel, em rasão d'outras obras a seu cargo. Em 1522, como já disse, era definitivamente o mestre d'estas obras. Botaca estava então no fim da vida, em idade avançada, como o busto o representa. Penso, que João de Castilho, em homenagem propria, ou de mais alto inspirada, teria porventura a feliz idéa de mandar collocar o busto do seu nobre antecessor, já defuncto talvez a esse tempo, juncto á base do pilar do lado do Evangelho, que ajuda a sustentar a pasmosa abobada do cruzeiro da egreja. Francisco de Benavente, particularmente encarregado dos trabalhos nos pilares, não me parece que tivesse auctoridade para tanto.

O logar foi excellentemente escollido; e de ninguem mais senão do architecto, ficaria alli convenientemente collocada uma effigie. Vê-se pelos ornatos, que aquella parte do pilar foi cortada, para dar logar posteriormente á collocação da pedra, que contém o medalhão com o busto. Este terá obra de 25 centimetros de diametro, e representa um ancião de mais de sessenta annos, como disse, modestamente trajado. Pôde suppor-se, que retratta o artista tocando o termo dos seus dias; e que a collocação alli do seu busto, se faria em honra á sua memoria, como se praticára com Aphonso Domingues, o grande architecto do convento da Batalha, falle-

¹ « Les portugais, selon moi, ont laissé des preuves de leur goût constant pour les ouvrages d'architecture. La perfection de leur monuments sous le rapport de l'exécution... prouve fort bien que cet art est vraiment national. » *Les Arts en Portugal*, pag. 458.

cido antes de Botaca, e talvez por disposição d'este, ou do mesmo João de Castilho.

Onde tudo são conjecturas, penso que o que deixo escripto, poderá, sem reluctancia, ser acceite pela critica. Não tem apparecido até hoje documentos, que possam auclorizar mais seguro juizo; mas as indagações continuam, e o assumpto merece-o, como bem digno d'excitar o brio nacional. Apesar do muito, que já se tem escripto do mosteiro de Belem, (e citarei com especial estima a Memoria do Sr. Varnhagen, assaz minuciosa, e interessante), muito resta ainda para dizer. Pela minha parte, creio que nova occasião se me deparará, de voltar ao assumpto no nosso jornal.

14 de Dezembro de 1874.

SÁ VILELLA.

ARCHEOLOGIA

NOTICIA HISTORICA

DA

ANTIGUIDADE DE SÃO MARTINHO DE MOUROS

(Districto de Vizeu, e bispado de Lamego)

Tenho com minucioso cuidado, e circumspecção colligido os apontamentos historicos relativos á antiguidade de São Martinho de Mouros, e em todos os livros antigos, e na excellente *Historia de Portugal*, do sr. Alexandre Herculano, não encontrei noticia alguma relativa a este lugar até ao anno de 1034.

Segundo a citada historia do sr. Herculano, volume I a fl. 162, sabe-se que no anno de 1033 Fernando I, cognominado o *Magno*, ou *Grande*, rei de Leão, e Castella, e Senhor da maior e melhor porção da Hespanha Christã, vendo a decadencia do imperio de Cordova, por causa das guerras civis, deliberou aproveitar a conjunctura para dilatar os proprios dominios á custa dos sectarios do Coran. Passando o Douro pelo lado de Zamora seguindo para o occidente, entrou pela nossa moderna provincia da Beira, avassalando os castellos tomados, e perdidos por christãos e sarracenos, e continuando esta guerra nas primaveras seguintes, vemos que em 1037 conquistou successivamente Vizeu, Lamego e Tarouca, e outros logares fortes.

Era São Martinho de Mouros um dos logares fortes povoado pelos mouros, aonde tinham o seu castello do qual estavam de posse no principio do seculo XI, como se mostra na historia do sr. Herculano no volume III, a fl. 189. E como Al-mansor, acompanhado de grande exercito de sarracenos, transpuzeram o Douro, e avassalaram os habitantes d'aquelles logares no fim do seculo X, é certo que os sarracenos, que povoavam São Martinho de Mouros, estavam debaixo do dominio de Al-mansor até

1037, anno em que Fernando I os expulsou, como claramente se vê na citada historia, volume III, nota XIII a fl. 419, que diz: «Foram os sarracenos expulsos de «Seia, Vizeu, Lamego e São Martinho de Mouros, e de «outros castellos visinhos.»

Nas chronicas d'El-Rei D. Pedro e D. Fernando, escriptas pelo nosso patriarcha dos historiadores antigos, Fernão Lopes, e publicadas em 1816 por uma commissão creada pela Academia Real das Sciencias, achamos a fl. 380 o foral de São Martinho de Mouros, no qual se lê o seguinte: «Eu a Rainha Dona Tareija, filha d'el-Rei Dom Affonso, e o Conde Dom Anrique, «e o Infante Dom Affonso meu filho fazemos, e confyrmamos carta de firmydõe de vosso foro a vós homees «de São Martinho de Mouros, o qual ouvestes em tempo de meu avou Rey Dom Fernando, e de meu padre Rey Dom Affonso, e derom esse castelo com este «foro ao alvazil Dom Sesnando como vos tevessem por «el etc. (*O original d'este foral acha-se no masso 8 de foraes antigos n.º 6 do real archivo. É um caderno com 15 folhas de pergaminho*).

Por tanto este documento mais evidentemente nos prova, que D. Fernando I rei de Leão e Castella, conquistou aos sarracenos em 1037 São Martinho de Mouros, e lhe deu foral, bem como seu filho D. Affonso VI, aquelle avô, e este pae de D. Tareja casada com o Conde D. Henrique, os quaes com seu filho o infante D. Affonso o confirmaram, ignorando a data, e annos em que primitivamente foi dado o foral, e posteriormente confirmado. Em o reinado de D. Manuel foi tambem por este rei confirmado aos 20 dias do mez de Outubro de 1313, da qual confirmação existe copia no archivo municipal do concelho de Rezende.

Ha tradição, mas não documento nenhum, que o prove, que a actual Igreja da freguezia foi mesquita dos mouros; esta é construida de pequenas pedras algumas marcadas com diversos signaes,¹ ignorando-se a epocha da sua fundação, ou construcção, querendo alguns sustentar, que foi no anno de 708 por ter esta data sobre o arco cruzeiro, que separa a igreja da capella-mór, a verdade é, que não conheço, e julgo não existir documento, ou noticia, que prove a data da sua construcção. A architectura é gothica, e o arco cruzeiro é de volta em ógiva, assim como a porta principal, que é sustentada por delgadas columnas com capiteis, com cabeças de animaes grosseiramente esculpturadas. A torre é formada sobre uma grande abobada de cantaria debaixo da qual ha um grande arco, aonde é o côro, tem pequenas frestas para o norte e sul. Ao entrar da porta principal do lado esquerdo, ha um letreiro gravado na pedra já bastante apagado, e que por isso não é possivel ler; sobre este letreiro estão dois riscos feitos na pedra que dizem ser a medida exacta do padrão

¹ Veja-se a este respeito a nossa publicação sobre os signaes das pedras nos monumentos da idade media,

da vara, e covado dos antigos povos. A capella-mór parece ser obra mais moderna, que o resto do templo.

O que com certeza posso affirmar, é que a sua construção é anterior á fundação da monarchia, e igual á construção, e architectura das Igrejas de Santa Maria de Barrô d'este concelho, e Almacave de Lamego.

Ainda existe uma povoação actualmente chamada o *Castello* situada no fundo de um monte chamado a *Boraca dos mouros*. Este nome de certo lhe provem por existir no cume do dito monte uma grande cava perpendicular, que estando tapada com pedras, alguns curiosos mandaram desentulhar em 1867 até á altura de 23 metros, e como n'esta profundidade se encontrou agua, não continuou a exploração, não só por ser difficil o esgoto, mas tambem, porque os trabalhadores temiam andar n'esta profumdidade. Toda a cava é aberta em saibro muito duro, e desde a entrada até a distancia de 10 metros, é de aboboda, e desce por escadas do sul para o norte, principiando ahi a descer perpendicularmente. Ha signaes evidentes de mais cavas, que estão tambem entulhadas, e em uma d'ellas se reconhece a perfeição e segurança com que foi feita, porque foi emparedada com pedra e cal, e tão bem feita era a argamassa que é mais facil quebrar a pedra do que deslocar a argamassa.

É notavel a circumstancia de existirem n'este local signaes evidentissimos de grandes fornos de depuração de metaes, encontrando-se ainda muitas cinzas, carvão e muitos ossos, e grandes porções de escorias, (a que o vulgo chama escumalho) as quaes sendo partidas se lhe encontram pequenos bocados de ossos. Por estes vestigios é natural que ali antigamente houvesse alguma exploração de mina, ignorando-se se esta foi na epocha dos sarracenos, se anteriormente na dominação romana, ou goda. Se de facto ali existiu alguma exploração no tempo dos mouros, é muito provavel que ficasse por acabar de explorar, por terem sido acossados d'estes sitios pelos conquistadores. Oxalá que alguém se delibere a investigar a verdade, do que antigamente aqui existiu. N'este mesmo lugar e em todo o monte se encontram muitos vestigios de casas, apparecendo grande porção de pedra, e grossos tijolos, bem como se tem encontrado moedas de ouro, prata, e cobre, algumas d'ellas já tão oxidadas, que não podem ser reconhecidas pelos melhores numismaticos; outras em bom estado como são uma moeda de ouro goda, conforme o typo, que está estampado no *Archivo Pittoresco* volume I, a fl. 128 e duas de prata romanas, uma do imperador Augusto e outra de Marco Aurelio as quaes eu possuo. Para o lado do nascente d'este monte a pequena distancia ha um plano aonde actualmente ainda se reconhecem muitas sepulturas abertas na rocha, e todas de forma, que os corpos ficavam depositados com os pés ao nascente, e a cabeça ao poente.

Os nomes dos sitios em volta do monte ainda con-

servam os nomes arabes, como são — Almedina, Altamira e Almozerna.

É tradição, que no cume d'este monte foi aonde existiu o castello, e que ali os mouros se fortificaram para se defenderem dos seus inimigos, e conquistadores; portanto em vista das circumstancias expostas, e do nome de *Castello* que ainda actualmente conserva a povoação mais visinha d'este monte, me induz a crer que o dito castello dos mouros existiu no cume do citado monte, o qual é muito alto, e d'este lugar se descobrem povoações muito distantes, gozando-se uma vista admiravel, tendo muita analogia com o pico da serra de Cintra, aonde está edificado o *Castello da Pena*.

Eis aqui fielmente, quanto tenho colligido até ao presente relativamente á antiguidade de São Martinho de Mouros, não só por documentos autenticos, mas tambem por tradição popular.

JOAQUIM DE CARVALHO AZEVEDO MELLO E FARO
Socio correspondente.

CHRONICA

— No dia 27 de novembro proximo passado tiveram lugar as eleições, para o corrente anno, dos membros da mesa da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes, ficando reconduzidos para presidente o sr. architecto J. Possidonio da Silva; para vice-presidente o sr. conselheiro João Maria Feijó; para secretario o sr. architecto Valentim José Correia; para thesoureiro o sr. Carlos Munró; e foi eleito para secretario archeologo o sr. visconde de Alemquer.

— A associação dos Architectos Centraes de Paris representou á camara municipal d'aquella capital para que uma das ruas proximas das *Halles Centraes* tivesse o nome do insigne architecto que as havia delineado — VICTOR BALTARD. — O illustrado municipio annuiu a este pedido tão justo e merecido.

— Está aberto um concurso para o projecto da construção de um edificio municipal e tribunal judicial para a cidade de Leiria, não devendo exceder esta obra a 24:000\$000 réis, offerecendo-se um premio de 100\$000 réis ao projecto preferido. Os riscos serão entregues n'aquella municipalidade até o dia 28 de fevereiro proximo futuro.

— Foram eleitos novos socios na sessão da assembléa geral d'esta Real Associação no dia 27 do mez de novembro.

Socios effectivos, o architecto o sr. José Geraldo da Silva Sardinha; o sr. bispo do Porto D. Americo Ferreira da Silva Santos; o sr. Delfim Guedes; o sr. Dr. Jacintho Eduardo de Brito Seixas; o sr. Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal; o sr. Xavier de Carvalho Junior e o sr. Antonio Maximo Lopes de Carvalho.

Socios correspondentes estrangeiros, o sr. visconde Delaborde, e marquez de Caligny, membros do Instituto de França; sendo secretario perpetuo da Academia das Bellas Artes o sr. visconde Delaborde.

— No dia 2 de dezembro ultimo fez-se no novo theatro da Opera de Paris a experiencia acustica, estando na sala uma enchente real; o resultado foi o mais satisfactorio possivel, merecendo os maiores e geraes applausos do publico o distincto architecto Mr. Charles Granier, membro do Instituto, que se achava presente em um camarote; colhendo n'este acto a demonstração mais honrosa a que um artista possa aspirar, pelo seu grande talento e difficilima construcção de tão colossal monumento: nós nos regosijámos e felicitámos este nosso mui digno socio correspondente pelo feliz exito da sua habil direcção, e pela ovação que o intelligente auditorio parisiense lhe patenteou n'aquella assignalada prova.

— O distincto e opulento archeologo o cavalheiro Carlo Landberg, amigo intimo do nosso consocio fundador o sr. J. P. N. da Silva, e nosso socio correspondente, que está na Syria aonde empreheendeu excavações á sua custa, mandará entregar ao sr. Silva, um sarcophago do seculo I, por elle descoberto em Sidon, com esculptras em alto relevo de muita belleza, e que prova o syncretismo semitico durante os primeiros seculos do christianismo na Syria.

Egualmente lhe enviará *pinturas a fresco* que descobriu nas catacumbas sidoniannas, dizendo-lhe serem de estimação, além de outros objectos da *necropole phenicia de Sidon*, e *antiguidades cypriotas*. Terão subido apreço archeologico para Portugal estes diferentes objectos, por serem os primeiros que d'aquella região venham para o nosso paiz.

Quando os sabios se dedicam com zelo a estas trabalhosas investigações, valiosos serviços resultam á sciencia; e nós nos ufanamos de contar no nosso gremio socios tão distinctos, e affectos á nossa Real Associação pela maneira mais briosa de seu nobre character.

— A academia de Inscriptões e Bellas Letras conferiu na sua sessão de 28 de novembro ultimo a medalha de ouro de antiguidades nacionaes ao architecto Mr. Revoil, pelas publicações sobre architectura roman d'este insigne architecto, e suas obras nos edificios religiosos, que lhe tem grangeado fama e merecidas distincções. Nós nos congratulámos com este nosso digno socio correspondente, pela honra que lhe dispensou o Instituto de França, em premio dos seus importantes trabalhos e do seu não vulgar talento.

— A assembléa geral da nossa Real Associação approvou o parecer apresentado pelo Conselho Facultativo sobre a maneira de se executar a restauração da egreja de S. Miguel do Castello em Guimarães, conforme o pedido que nos foi dirigido pela patriotica commissão, da qual é presidente o nosso digno socio correspondente o Revd.^o sr. Antonio Ferreira Caldas, a

qual se encarrega de restituir aquelle monumento historico ao seu primitivo character architectonico. Mil louvores sejam dados a estes cavalheiros pelo seu nobre empenho, mostrando com este proposito quanto anhelam pela conservação dos nossos edificios antigos, e tambem qual é a illustração que os distingue, praticando actos de tão acrisolado patriotismo, não menos uteis para a archeologia nacional.

— O BUSTO DE PRATA descoberto em Herculano em 11 de setembro do anno findo, é objecto bastante raro pela materia, assim como pelo personagem que representa, pois que se reconheceu ser do imperador Galba; posto que tivesse o rosto quebrado em cinco partes, todavia o habil artista de Pompea, sr. Vicente Bramante o restaurou completamente; conforme nos foi informado pelo director geral das excavações o senador Mr. Fiorelli, nosso digno socio correspondente em Napoles.

— O esclarecido director da escola de archeologia de Athenas Mr. Burnouf continua no seu louvavel empenho de desobstruir completamente a *Acropole*, orçando a despeza com este trabalho em 37:400\$000 réis, e pretende recompôr algumas partes do *Parthenon* e do *Érechthéum* com os fragmentos soterrados d'estes antigos edificios: da reconhecida intelligencia d'este zeloso sabio deve-se esperar que essas celebres antiguidades do solo grego, ficarão dignamente conservadas para augmentar a admiração dos vindouros.

— No numero de dezembro do Boletim da Associação Central dos Architectos de Paris, foi publicado a pag. 207 um parecer assaz lisongeiro a respeito dos trabalhos d'esta Real Associação; são finezas dos nossos confrades estrangeiros que nos penhoram sobre maneira, e a sua opinião a tal respeito nós animará no intuito de que os nossos esforços não serão baldados.

— O eminente archeologo Mr. Ernesto Chantre vem de publicar o projecto d'uma *Legenda Internacional* para as cartas archeologicas prehistoricas, apresentado no Congresso internacional d'Anthropologia e Archeologia Prehistoricos em Stockholm, na conformidade dos trabalhos incumbidos á commissão composta dos membros seus collegas, Cartailhac, de França; Marinoni, de Italia; J. da Silva, de Portugal; Hildebrand, da Suecia; Schmidt, Dinamarca; e o conde Wurmbrand, d'Austria: tendo composto um numero relativamente restringido de signaes convencionaes que possam ter a mesma significação entre as diferentes nações.

— Na sessão do Instituto de França em 12 de dezembro do anno findo, foi eleito membro correspondente da secção de architectura o socio fundador d'esta Real Associação o sr. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva: esta grande distincção conferida pela primeira vez a um architecto portuguez, é de certo muito honrosa para o nosso paiz, e de subido apreço para a nossa classe, pois não pode haver mais de quatro correspondentes estrangeiros em cada secção.